

EMPODERAMENTO FEMININO E MARCAS AUTORAIS NO FIGURINO DE MICHELLE MELO

Women's empowerment and authorship in Michelle Melo's costumes

Bezerra, Amilcar Almeida; PhD, Universidade Federal de Pernambuco

amilcarbz@hotmail.com¹

Bracchi, Daniela Nery; PhD, Universidade Federal de Pernambuco

bracchi@gmail.com²

Grupo de pesquisa em consumo de moda (G-COMO)

Resumo:

Este artigo tem como objetivo mostrar o figurino como artefato produtor de sentido dentro da performance pop encenada na periferia. Para isso, analisamos o caso da cantora Michelle Melo, celebridade local do universo brega-pop recifense, cujo figurino é elemento-chave na construção de uma imagem pública de força e sensualidade para seu público consumidor.

Palavras-chave: moda, consumo, figurino, periferia

Abstract

In this article, we aim to show the costumes as meaningful artifacts in pop performance. In order to this, we analyze the costumes of singer Michelle Melo a local celebrity in brega-pop from Recife. The costumes of singer Michelle Melo play a special role in her pop performance and in her public image of strenght and sensuality.

Keywords: fashion, consumption, costume, periphery

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, professor adjunto do Núcleo de Design do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE.

² Doutora em Semiótica pela Universidade de São Paulo, professora adjunta do Núcleo de Design do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE.

1. Introdução

Michelle Melo é uma cantora pernambucana do segmento brega-pop. Sua carreira musical teve início aos 14 anos de idade, interpretando um repertório de música popular brasileira em barzinhos nas noites pernambucanas. Em seguida, tornou-se vocalista de bandas brega-pop e hoje, aos 34 anos, desfruta do status de celebridade local. Várias reportagens, como a de Simões (2013), para o jornal *Diário de Pernambuco*, afirmam que Michelle possui o título de “Madonna do brega recifense” e “rainha do brega”.

O Brega Pop é um estilo resultante de hibridismos estéticos, musicais e comportamentais gerados na periferia recifense entre os anos 1990 e os anos 2000, a partir de influências do brega paraense e do brega tradicional. Aborda temas ligados ao cotidiano das classes populares, com ênfase em relacionamentos amorosos e conflitos afetivos, e se expressa na utilização de recursos como figurino, coreografia, cenários e iluminação integrados à performance musical, características advindas da cultura pop global transportadas para a periferia e recobertas de uma sensibilidade local. (FONTANELLA, 2005)

A imagem de Michele Melo como símbolo do Brega-pop local começa a ser disseminada nos anos 2000 em programas de auditório vespertinos realizados por emissoras de TV locais. Neste início de carreira, mostrar o corpo se configurava como um elemento essencial para a encenação da sensualidade já presente nas letras das músicas. Pode-se ver abaixo, o figurino que Michelle usa nas suas primeiras apresentações no programa local *Tribuna Show*.

Figura 1: Figurino de Michelle Melo em 2004.



Na mesma época, também as rádios comunitárias e comerciais desempenharam importante função na popularização do Brega pop em geral e da *Banda Metade*, em particular, da qual era vocalista.

Em 2006, chegou a se apresentar em rede nacional, no programa *Central da Periferia*, da TV Globo, o que lhe rendeu ampla visibilidade e convites para shows fora do país. Depois de um período em carreira solo, Michele retornou à *Banda Metade* em 2010, na qual permanece atualmente e contabiliza mais de cinco CD's gravados e um DVD lançado em 2011, com sucessos da banda e outras músicas já consagradas entre o público bregueiro recifense.

Michelle se define como uma cantora de brega romântico. Consciente da polissemia do termo “brega”, faz uma distinção clara entre o “brega” como movimento periférico e o brega como estilo associado ao excesso e ao mau gosto. “Brega não é um estilo, é um movimento”, afirma.

Ancorado num contexto macroeconômico de ascensão das classes populares ao consumo e na popularização das tecnologias de reprodução e distribuição de conteúdo musical, o movimento brega-pop recifense expressa uma sensibilidade periférica que se contrapõe aos modelos estéticos hegemônicos, forçando a relativização de seus padrões.

Neste artigo, partimos de um mapeamento das referências estéticas utilizadas pela cantora e procuramos identificar quais as significações projetadas nos materiais e aparências por ela agenciados para a construção de sua imagem por meio do figurino. As idealizações projetadas nas grandes divas pop são

elementos definidores para as escolhas estéticas da cantora que, em seguida, recria essas referências dentro das limitações e possibilidades simbólicas e materiais do contexto local, num processo que Stuart Hall (2000) classificaria como pós-moderno. Os efeitos deste acesso às referências que se institucionalizam em seu figurino, permitem observar os aportes visuais que a cantora faz de suas influências para suas próprias vestes. Tais influências se deixam ver na concepção de seu figurino, demonstrando uma associação sem fronteiras de seus mitos para uma releitura e repaginação, dentro de uma linguagem periférica, a fim de ser apropriado por seu público consumidor.

Descobrimos ao longo do trajeto que as conexões da artista com a internet funcionam como importantes elementos tanto para o processo criativo do figurino como para a legitimação da imagem da artista diante dos fãs.

Identificamos também fortes marcas autorais em seu trabalho na medida em que a artista participa de todas as etapas de produção de seu próprio figurino, cuidando para que ele seja um elemento integrado à sua performance musical e coreográfica.

Para tanto, além de uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o brega-pop recifense, foi realizada uma entrevista em profundidade com a cantora Michelle Melo e um acompanhamento de postagens e comentários em sua fanpage no Facebook.

2. O figurino de Michelle Melo

Em depoimento à pesquisadora Amanda Lima (2015), Michelle Melo alega fazer uso do figurino de palco como recurso simbólico para separar o seu personagem de palco da postura que assume em sua vida particular. No espetáculo, cria uma persona idealizada, diferente do que é no cotidiano. Porém, essa idealização se relaciona intensamente com os desejos que habitam o imaginário do público que a consome, tornando-a uma referência para a construção das identidades subjetivas desse público.

As conotações sexuais perceptíveis nas letras das músicas e em sua performance funcionam como elementos potencialmente transgressores da posição machista e conservadora tradicional, levando a cantora ora a assumir uma atitude de empoderamento pela via da performance sensual, ora a colocar-

se como objeto passivo frente ao desejo do outro. Tal ambiguidade é enfatizada simbolicamente pelas vestes que a cantora utiliza e reafirmada em seu discurso.

Os figurinos de Michelle sofreram modificações estéticas ao longo de sua carreira. A artista classifica isso como uma transição do “vulgar para o sexy”, que a motivou a adotar formas plásticas mais conservadoras. Acontecimentos em sua vida pessoal como o casamento e a adesão à religião evangélica resultaram em contradições na identidade feminina proposta, fazendo convergir suas duas facetas (vida pública / vida privada) até então separadas. Isso é notável pelas formas mais “cobertas” na modelagem de seus figurinos, sobretudo, em seus macacões, que foram adotados em períodos após estas mudanças.

O figurino é um dos elementos centrais na construção dessa performance que encena uma identidade feminina periférica a propor valores de transgressão moral e autonomia da mulher dentro do universo simbólico de seu público consumidor. Contudo, a indumentária que expõe e ressalta a sensualidade corporal em trajes sumários é interpretada, em muitos casos, não como expressão de uma postura feminina autônoma rumo à satisfação do próprio desejo, mas como uma mercantilização do próprio corpo para satisfazer o desejo de um “outro” masculino (MOURA, 2005).

Mesmo com todas as contradições expressas na sua performance, Michelle, a exemplo de outras cantoras do brega-pop que alcançaram algum status de celebridade, assume num dado momento as rédeas de sua carreira e passa a determinar os parâmetros do que vai vestir. A partir de então, as roupas passam a ser mais discretas. Resta saber se cobrir mais o corpo, mas ainda sim manter roupas justas, com marcas visuais da cintura e quadril e grandes decotes no busto, configuraria efetivamente maior recato. As formas do corpo são ainda ressaltadas por cores, estampas e outros elementos que transportam traços simbólicos sensuais, como relata a própria cantora: “Aí o que é que a gente faz, a gente tenta incrementar, no macacão a gente coloca muita cor, pra chamar a atenção... Junto do sapato... Com a estampa do macacão...” (MELO, 2014).

Evidentemente, as distintas significações que a indumentária assume não residem no figurino em si, mas nos diferentes sentidos que os diversos segmentos de consumidores projetam tanto na aparência quanto no lugar social

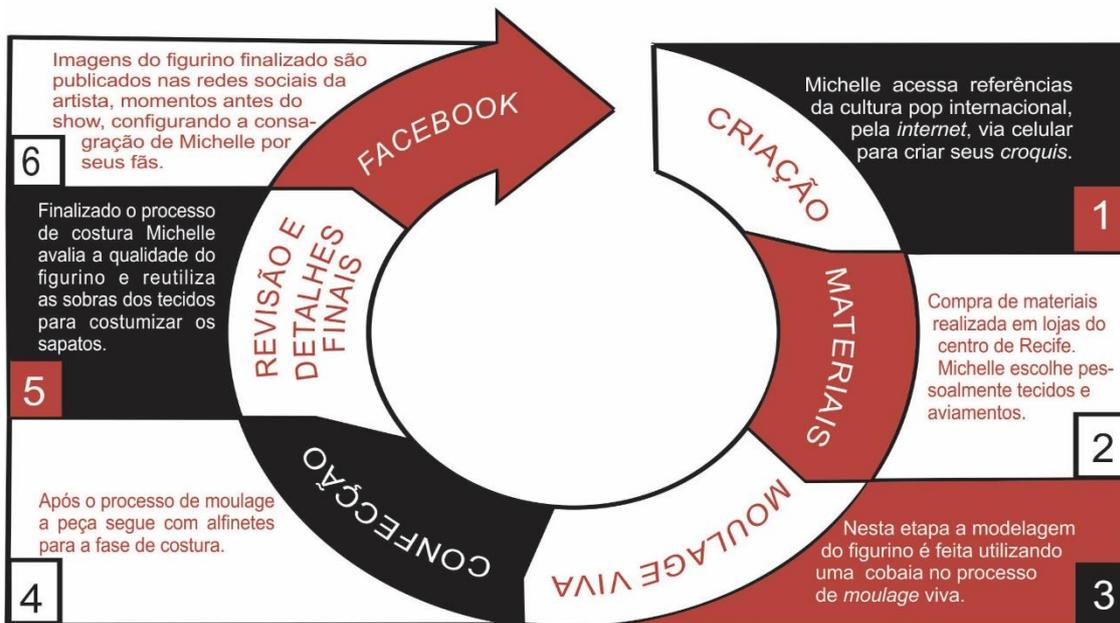
de quem a ostenta. Michele, como citamos acima, não quer ser rotulada como “brega”, ainda que sua estética possa ser classificada como tal por determinados segmentos sociais hegemônicos. Todavia, “brega” ou não, ela se constitui como referência de imagem de moda para seu público periférico. Não se deve perder de vista o aspecto de teatralidade que faz parte da própria moda, conforme lembra Lipovetsky (1989). A moda pode ser vista, segundo o filósofo francês, como um processo no qual o exagero, o excesso e a desmedida fazem parte de sua lógica teatral.

Ao fazer referência à imagem construída perante seu público, Michelle Melo afirma que deseja transmitir conceitos como “força” e “sensualidade”. Para isso, busca na apropriação de referências da cultura pop global as marcas estéticas que vão compor a sua construção ideal de si para o outro.

3. Processo de criação e confecção

O gráfico abaixo explica como acontece o ciclo de criação e confecção do figurino, que foi construído a partir do mapeamento das etapas de execução que Michelle segue dentro de um contexto sócio-cultural periférico. Foram representados na imagem desde os primeiros passos de criação, suas referências, até a última fase, na qual a artista revela imagens de seus figurinos no *Facebook* para a sanção de seu público.

Figura 2: Ciclo do processo de criação e confecção do figurino de Michelle Melo



O primeiro estágio de criação, é o início do ciclo e este corresponde à pesquisa por referências advindas das “divas” da Cultura Pop e seus figurinos, sobretudo utilizados em apresentações ao vivo e videocliques. Artistas como: Beyoncé, Britney Spears, Madonna e Jennifer Lopes são só algumas das várias cantoras que utilizam figurinos semelhantes em épocas próximas e que atuam como inspirações imagéticas, às quais Michelle busca se assemelhar. Entrando em contato com essas artistas por meio da *internet*, em acesso rápido, via celular, por meio de redes sociais e plataformas online, a cantora se insere dentro de um processo de adoção de moda denominado de *trickle-down* ou *gotejamento* (Rogers, 2003). Neste processo, os modelos consagrados midiaticamente servem como referência para que camadas sociais mais afastadas do centros econômicos, culturais e midiáticos tentem emular sua aparência. Neste modo de difusão, os personagens populares na mídia funcionam como *displays* de tendências de moda a serem consumidas por grupos sociais que estariam mais abaixo dessa camada social. Há uma busca por esses desenvolvimentos dados nas camadas mais superiores e Miranda (2008) ressalta a existência de transferência de signos para o grupo social subsequente, de forma a gerar novos significados.

Michelle age dentro desse mecanismo do *trickle-down* como líder de um grupo

social, que gera hábitos de vestes e de consumo, adotando referências da Cultura Pop e movimentando um ciclo de produção e consumo que pode ser observado nas etapas de produção de seu figurino aqui descritas.

Desta forma, as artistas internacionais expostas nos meios de comunicação de massa são “mitos-modelos” para Michelle, que tenta assemelhar-se a elas adotando signos em seus figurinos que a aproximem dessas referências.

Após as conexões com as referências e a elaboração dos croquis, a segunda fase é a correspondente a compra dos materiais para a construção do figurino. Este é mais um processo no qual Michelle se envolve pessoalmente selecionando tecidos e aviamentos para que suas vestes sejam construídas exatamente como foram idealizadas por ela.

A terceira etapa do ciclo, denominada por nós de *Moulage Viva*, diz respeito a elaboração da modelagem sob o corpo de sua assistente, a qual se refere como “cobaia” para o posicionamento dos detalhes da peça, antes que esta prossiga para o processo de confecção.

Moulage é uma palavra de origem francesa que advém de *moule* e que significa *forma*, a qual é sinônimo também de *draping*, termo inglês e que se relaciona com o caimento e forma do tecido. Este método permite criar modelos com uma visão tridimensional, facilitando o processo de montagem das partes da roupa, onde a concepção da peça é feita diretamente sobre o corpo de um modelo vivo ou busto (SILVEIRA *et al*, 2013).

Na construção de um modelo por meio do processo de *moulage*, as características do tecido ganham proporções, volumes e caimentos ao serem experimentados junto ao corpo. Pode-se observar melhor o caimento dos tecidos, abrindo possibilidades para que se obtenham vários resultados. Ciente destas variações materiais, Michelle faz diversos testes nesta etapa de concepção do figurino com a matéria-prima que adquiriu, até que se alcancem os resultados que ela almeja, descartando os que foram reprovados para serem reutilizados em suas próximas criações.

Figura 3: Figurino de Michelle Melo testado no corpo de sua funcionária durante o processo de *moulage*.

Fotos cedidas pela cantora.



A costura é realizada em processo de terceirização e as sobras dos tecidos são reutilizadas por Michelle na customização dos sapatos.

A última fase do ciclo, uma espécie de pós-produção, apresenta o emprego do *Facebook*, como uma ferramenta capaz de conferir legitimação aos figurinos de Michelle Melo perante seu público, agindo dentro da dimensão simbólica que envolve todas as etapas do ciclo e conferindo a “consagração” da artista nas redes sociais, expressa por comentários e curtidas que demonstram a aprovação imediata das criações da cantora.

Figura 4: Imagem de figurino na página do *Facebook* da Banda Metade (<https://www.facebook.com/526880897360381/photos/t.100001996943121/699146860133783/?type=3&theate>), 2014.



É interessante notar que o figurino acima foi produzido por uma fã e presenteado à cantora. Percebe-se, portanto, que o público realiza uma leitura da identidade da cantora, sugerindo novos significados que foram gerados a partir de uma interação participativa. O resultado é a potencialização simbólica da sua consagração via redes sociais. Tal consagração atinge seu ápice quando a cantora veste um figurino confeccionado por um fã e estabelece um diálogo positivo entre a identidade criada e a identidade que foi interpretada pelo público.

4. Considerações finais

Compreendemos o figurino de Michelle como parte integrante de uma performance que propõe uma identidade feminina singular. Buscamos ainda evidenciar como ocorre o processo criativo em um contexto sócio-cultural periférico a partir do ciclo de criação e produção dos figurinos.

O processo descrito nos permite identificar em Michelle Melo uma marca autoral que permeia todas as fases do processo. Consciente da complementariedade entre música, letra, coreografia e figurino, a artista participa de todas as etapas da criação do figurino e assim garante uma forte interação deste com os outros elementos da performance.

Michelle se apropria via celular da aparência de mitos-modelo da cultura pop, reproduzindo-a conforme as limitações e possibilidades materiais e simbólicas inscritas em seu contexto sócio-cultural, num processo de adoção de moda já

denominado *trickle-down*. Esse movimento se harmoniza a uma lógica do capitalismo tardio dominante no plano local, na qual o estímulo ao desejo pela novidade e pelo exagero se faz necessário para mobilizar processos contemporâneos de consumo simbólico em massa.

Os adornos e figurinos de Michelle Melo, inseridos na performance, condensam em sua aparência as significações e ambiguidades capazes de mobilizar o desejo de seu público e transformá-la num mito-modelo em escala local.

Foi importante observar ainda o uso da internet e das redes sociais nas duas extremidades do processo, tanto para a pesquisa de referências estéticas e simbólicas a serem ressignificadas na criação quanto para a interação com os fãs, que garante a sanção do produto final.

Percebemos, portanto, que Michelle agrada aos fãs e tem sucesso em construir sua *persona*. Para tanto, a cantora ancora sua imagem em identidades visuais marcantes da cultura pop internacional e realiza um processo de ajustamento e criação para o cenário da cultura brega pop local.

Nesse sentido, temos uma competente designer autoral capaz de fomentar um engajamento afetivo profundo com seu público por meio dos artefatos que concebe em todas as suas etapas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Moura Diana. Libração sexual com todas as letras. *Jornal do Comercio*, 8 mar. 2005. Disponível em: http://www.nordesteweb.com/not01_0305/ne_not_20050308a.htm
Acesso em: 12 mai 2015.

FONTANELLA, Fernando Israel. *Estética do brega: cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife*. Recife, 2005. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, Amanda Danielle de Lima. *Moda Brega Pop: a construção da identidade feminina no figurino de Michele Melo*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Pernambuco.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: A moda e seus destinos nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MELO, Michelle. *Entrevista em profundidade*. Entrevistadora: Amanda Danielle de Lima Silva, Caruaru, 2014.

MIRANDA, Ana P. C. de. *Consumo de moda: a relação pessoa-objeto*. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2008.

MORIN, Edgar. As estrelas: mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.

ROGERS, Everett. Diffusion of Innovations. 5th edition. New York: Free Press, 2003.

SIMÕES, Marina. Michelle Melo prova que é a verdadeira musa do brega em show nesta sexta. Diário de Pernambuco, 28/03/2013. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/03/28/internas_viver,431222

SOARES, Thiago. Conveniências performáticas num show de brega no Recife: espaços sexualizados e desejos deslizantes de periguetes e cafuçus. Logos, UERJ, Vol.19, n. 1, jan-jun 2012.

VELASCO, Thiago. Pop: em busca de um conceito. Revista Animus, UFSM, Vol. .17, jan-jun 2010.